

CLÁUDIO E ORLANDO VILLAS BÔAS

HISTÓRIAS DO XINGU

Ilustrações de

ROSINHA



SUMÁRIO

Copyright do texto © 2013 by Marina Lopes de Lima Villas Bôas,
Noel Villas Bôas, Orlando Villas Bôas Filho
Copyright das ilustrações © 2013 by Rosinha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Projeto gráfico e composição
Elis Nunes

Revisão
Adriana Moreira Pedro
Viviane T. Mendes

Tratamento de imagem
Simone R. Ponçano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Villas Bôas, Cláudio e Orlando
Histórias do Xingu / Cláudio e Orlando Villas Bôas;
ilustrações Rosinha — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das
Letrinhas, 2013.

ISBN 978-85-7406-565-6

1. Literatura infantojuvenil I. Villas Bôas, Cláudio e
Orlando. II. Rosinha. III. Título

12-14770

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Histórias de
Orlando e Cláudio
Villas Bôas,
por Betty Mindlin **5**



15 Morená:
a praia sagrada

Coeviacá:
o índio incendiário **19**



23 O Tamoin
e a onça



Kanassa:
o grande pajé **25**



Tamacavi:
o gigante **31**



35 O menino
e o jacaré

A conquista
do fogo **39**



45 Pachachá
e o peixinho

O Rei e o
menino índio **47**



53 Glossário

Sobre os
autores **55**



HISTÓRIAS DE ORLANDO E CLÁUDIO VILLAS BÔAS

BETTY MINDLIN,
antropóloga, autora de *Diários da Floresta*, entre outros livros.

As nove histórias deste livro foram escritas por dois grandes brasileiros, responsáveis pelo maior exemplo de defesa dos índios em nosso país: o Parque Nacional do Xingu, hoje denominado Parque Indígena do Xingu. Foram pioneiros e abriram caminho para outros projetos, que hoje comprovam ser possível para os índios a cidadania brasileira, sem que percam suas terras e línguas, seu modo de vida e suas tradições.

Os irmãos Orlando e Cláudio Villas Bôas, junto com Leonardo, o mais novo dos três, começaram a trabalhar com os índios em 1943, no final da Segunda Guerra Mundial e do governo de Getúlio Vargas. Cansados da cidade, foram para o sertão e para a floresta, como trabalhadores braçais da Expedição Roncador-Xingu, cujo objetivo era desbravar o Brasil e ocupar regiões consideradas desabitadas. Na verdade, longe de despovoadas, as terras tinham dono: pertenciam a caboclos e índios, mas estes ninguém cogitava, e sequer eram mencionados pela Expedição. Os três irmãos fingiram ser sertanejos analfabetos para conseguir o emprego, mas logo seus chefes perceberam que eram instruídos e lhes deram atribuições de maior responsabilidade. A expedição era uma

aventura cheia de perigos. Os irmãos foram encontrando povos que nunca tinham tido contato com não índios, com exceção de alguns pesquisadores, como Karl Von den Steinen, em 1884 e 1887, ou de invasores que atacavam os índios para tomar suas terras. As cenas dos primeiros encontros foram emocionantes — algumas até chegaram a ser filmadas: aquela gente linda e nua, coberta de adereços, curiosa, mas com receio dos recém-chegados, inimigos potenciais que poderiam matá-los, como tantos haviam feito antes.

Os Villas Bôas seguiam os princípios do marechal Rondon, que fundou, em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios: “Morrer se preciso for, matar nunca”. Não atiravam de jeito nenhum, mesmo quando ameaçados. Foram, ao longo dos anos, desenvolvendo laços de amizade com cerca de vinte povos. Batalharam para demarcar suas terras, prestar assistência à saúde e preservar sua cultura. Tinham um talento raro para relacionar-se com os índios e entender-se com eles, apesar das numerosas línguas diferentes e do medo recíproco inicial. Respeitavam os costumes e comportamentos indígenas, não queriam que eles fossem “integrados”, ou seja, que ficassem iguaizinhos à massa de brasileiros. Ao contrário, procuravam evitar influências externas, como o consumo de bens não produzidos pelos índios, e impediam a entrada de estranhos, a construção de estradas, o roubo de minérios, borracha e madeira. Tanto fizeram pelos direitos dos índios que, em 1961, quando Jânio Quadros era presidente, os irmãos conseguiram que o Parque Indígena do Xingu fosse finalmente demarcado — nessa época

chamava-se Parque Nacional do Xingu, e Xingu é o nome do rio principal da região. Como aliados, contaram com homens de sabedoria e coragem, como Darcy Ribeiro, o próprio marechal Rondon, o médico Noel Nutels e outros. Em 1965, um programa de saúde indígena de alta qualidade foi criado, sob a direção de Roberto Baruzzi, da Escola Paulista de Medicina (Unifesp), e funciona até hoje, agora com índios trabalhando como agentes de saúde, com conhecimento da nossa medicina. A população cresceu, e crianças não morreram mais.

Orlando ficou dezessete anos como diretor do Parque e morando com os índios, e sempre contou com a colaboração de sua mulher, Marina, enfermeira dedicada. Quando voltou para a cidade, para São Paulo, continuou a defender a demarcação de terras de outros povos, opondo-se a presidentes da Funai da época da ditadura militar que eram contrários aos direitos indígenas.

• • •

Passou-se mais de meio século e sabemos que os irmãos atingiram seus objetivos. Os índios tiveram algumas décadas para compreender a nossa sociedade, organizar-se e ter voz própria. Hoje, o Parque Indígena do Xingu conta com 2.642.003 hectares e dezesseis povos indígenas diferentes, que totalizam uma população de mais de 5 mil pessoas. Os povos são os seguintes: Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti, no Alto Xingu, ao sul;

e Ikpeng, Kaiabi, Kisêdjê, Tapayuna e Yudjá, que estão localizados ao norte, no resto do parque. Suas línguas, além de numerosas, têm uma rara diversidade entre si. São elas: Kamaiurá e Kaiabi (família Tupi-Guarani, tronco Tupi); Yudja (família Juruna, tronco Tupi); Aweti (família Aweti, tronco Tupi); Mehinako, Wauja e Yawalapiti (família Aruák); Kalapalo, Ikpeng, Kuikuro, Matipu, Nahukwá e Naruvotu (família Karíb); Kisêdjê e Tapayuna (família Jê, tronco Macro-Jê); e Trumai (língua isolada).¹



Os índios do Alto Xingu, embora diferentes entre si, têm culturas e rituais semelhantes, fazem muitas trocas e têm bastante contato uns com os outros. As antigas guerras acabaram; persistem rivalidades e desconfianças, mas há muito comércio intertribal e casamentos mistos.

Os rituais alto-xinguanos são famosos e belíssimos. O Kuarup, o ritual dos mortos, talvez o mais importante, é realizado ao longo de um ano inteiro, compreendendo trocas e oferendas complexas baseadas no sistema de parentesco. Outros povos são convidados para o encerramento do Kuarup, que dura vários dias. Há danças, cantos fúnebres, o grandioso final com troncos que representam os mortos e competições entre os povos, como a luta huka huka. É o choro pelos parentes que se vão e ao mesmo

¹ Dados retirados do site do ISA, Instituto Socioambiental, <www.socioambiental.org>.

tempo um renascimento, uma cerimônia que evoca, a partir de troncos de madeira, a criação da humanidade por Mavutsinin. Em 2002, quando Orlando Villas Bôas faleceu, aos 88 anos, os índios fizeram um Kuarup para ele, uma honraria rara quando se trata de não índios. Orlando é para eles o grande herói, de quem têm infinitas saudades.

Outro belo ritual é o Iamuricumá, o das mulheres. Elas dançam com volumosos colares de contas coloridas, caçoam dos homens e são o centro das atenções. Orlando, no seu livro *Xingu, os índios, seus mitos*,² conta a história das Iamuricumá, mulheres que resolveram viver sem os homens porque eles as abandonaram por muitos dias e estavam virando porcos-do-mato.

Há, ainda, o Jawari, uma luta de dardos entre jogadores de povos ou aldeias diferentes. O moitará é outra cerimônia de troca dentro de um mesmo povo ou entre vários povos, uma espécie de jogo de oferendas e contraoferendas muito atraente. E tudo sem dinheiro.

Os pajés são magos capazes de afastar doenças, de curar com cantos e gestos, em rituais que impressionam mesmo os mais céticos. Adivinham o paradeiro de quem se perdeu, são amados, temidos, respeitados. Intrigante, ainda, é o jacuí, a flauta proibida às mulheres, que podem apenas ouvi-la, jamais vê-la. E também é proibida a elas a Casa dos Homens, onde estes se reúnem diariamente e tomam decisões. À tardinha, podemos

² VILLAS BÔAS, Orlando e Cláudio. *Xingu, os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

vê-los quando ficam do lado de fora, em seus banquinhos, fumando e conversando.

O universo cultural xinguano é vasto. Há muitos livros, filmes, documentários sobre esses povos, e hoje boa parte é de autoria indígena. Os xinguanos da atualidade usam dinheiro, roupas, vão à cidade e estudam, mas mantêm seu cotidiano na aldeia, persistem em uma nudez com naturalidade, ao sabor das necessidades — pois fora do parque é preciso vestir-se como os outros. Têm suas organizações, escolas em suas línguas e em português, reivindicam seus direitos, viajam. Têm orgulho de si mesmos, são personagens voltados para a arte e para a beleza.



As histórias aqui publicadas foram ouvidas no dia a dia entre os índios por Orlando e Cláudio. São gostosas de ler e constituem um bom começo tanto para descobrir o imaginário xinguano quanto para ter contato com a verve de Orlando, que era um grande contador de casos e enfeitiçava quem o ouvisse, pois tinha o dom da palavra. “Morená: a praia sagrada” versa sobre a criação da humanidade e sua representação na cerimônia do Kuarup, no lugar mítico de Morená, onde se forma o rio Xingu a partir do encontro de três rios: Kuluene, Ronuro e Batovi; “Coeviacá: o índio incendiário” fala da união necessária entre as pessoas diante de um inimigo; “A conquista do fogo” e “Kanassa: o grande pajé”, mitos Kuikuro, fazem parte de um mesmo enredo — o primeiro conta

como o herói Kanassa conseguiu roubar o fogo, que a humanidade ainda não tinha, do dono do fogo, o Urubu-Rei; e o segundo descreve como Kanassa fez com que o mutum tivesse um enfeite na cabeça para sempre, com que os patos aprendessem a nadar e com que um ralador de mandioca se incorporasse às costas do jacaré. “Tamacavi: o gigante” conta a história de um gigante que entra em guerra com os homens e é por eles assado e devorado. Cada pedaço de seu corpo lhes transmite uma qualidade — força, velocidade, visão —, mas sua carne deglutida é um veneno e eles morrem.

Vale a pena ler o conjunto dos relatos, como tudo o que Orlando e Cláudio escreveram. esperamos que este livro desperte nos meninos e meninas o desejo de saber, de ir atrás dos muitos livros já publicados e quem sabe até de conhecer de perto os nossos índios.





MORENÁ: A PRAIA SAGRADA

O largo e comprido rio Xingu não tem nascente própria. O encontro de três rios, dois largos, Kuluene e Ronuro, e um estreito, Batovi, é que forma o grande rio. Nessa confluência, esses três rios formam também uma praia extensa e muito bonita que os índios chamam de Morená.

Essa praia é muito importante na vida de muitas aldeias da região. Foi ali, na praia sagrada do Morená, que o criador **Mavutsinin'** criou os índios. No cerimonial do **Kuarup**, os índios fazem uma verdadeira representação do ato da criação.

— Pai, como é que a gente apareceu no mundo? — perguntou **Acanái**.

— Mavutsinin criou todos nós — respondeu o pai, Cuia-paré.

— Quem é esse? Não é ele que, na festa do Kuarup, canta a noite inteira e de madrugada chora? — indagou o menino.

1 As palavras em negrito têm o seu significado explicado em um glossário ao final do livro.